



ANA MIRANDA

// www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br //

A UnB, gênese e os velhos tempos

“A UnB TEM UMA HISTÓRIA DE MUITA GRANDEZA. SEU SURGIMENTO FOI ‘A QUESTÃO CULTURAL MAIS SÉRIA, MAIS DESAFIANTE E MAIS EMPOLGANTE QUE SE COLOCOU DIANTE DA INTELCTUALIDADE DO PAÍS’, SEGUNDO PALAVRAS DE UM DE SEUS CRIADORES, O ANTROPÓLOGO E EDUCADOR DARCY RIBEIRO”

Li que a UnB está completando 45 anos. Parabéns a esta universidade tão bem reputada em todo o país. A UnB tem uma história de muita grandeza. Seu surgimento foi “a questão cultural mais séria, mais desafiante e mais empolgante que se colocou diante da intelectualidade do país”, segundo palavras de um de seus criadores, o antropólogo e educador Darcy Ribeiro. Não era possível que, numa cidade tão avançada em termos de conceito urbano, arquitetônico, social, não houvesse um centro de saber que pudesse provocar um surto de criatividade cultural, tanto do ponto de vista científico como do artístico. Uma instituição com espírito público, destinada à “alta qualificação”, funcionando em completa liberdade docente e perfeita autonomia acadêmica, um núcleo de amadurecimento da consciência crítica nacional, onde se dissecariam os problemas nacionais, que tivesse autonomia cultural e capacidade de dialogar com grandes centros internacionais de saber. Assim como a cidade, a UnB já nasceu inovadora.

A vontade era de se criar um local de “florescimento”. Para isso, a primeira idéia foi a de exercer as atividades de informação por meio de cursos de integração cultural obrigatórios, em doses mínimas, para todos os alunos; e abertos, em doses máximas, para quem quisesse ser um “generalista”. Uma idéia fabulosa, a de permitir a formação de pessoas com saber amplo, e não apenas profissionais exclusivos; e muito atual, pois hoje a maior parte das atividades complexas de nossa sociedade exige habilidades e conhecimentos tão variados e mutáveis que não podem ser previstos em currículos. A segunda idéia era abrir os cursos da

UnB a seus ex-alunos, para que pudessem voltar sempre que sentissem necessidade de atualização, adquirir nova qualificação, ou simplesmente ampliar seus horizontes culturais. Para outro dos criadores da UnB, o grande educador Anísio Teixeira, o importante era fundar um centro de estudos profundos, um verdadeiro quarto nível de educação. Para criar um ambiente propício a um elevado nível cultural, a UnB acolheria pessoas de notório saber, que teriam a obrigação apenas de conviver com os estudantes. Para superar o utilitarismo, os alunos poderiam compor livremente seus currículos, ou mesmo se formar como generalistas. Ou seja, o grande objetivo da universidade seria o cultivo de “inteligências acesas e exercitadas para reunir e organizar informações, programar procedimentos complexos e controlar sua execução”.

Sob esse sonho, a UnB surgiu, cresceu, seguiu seus caminhos. Passou por momentos difíceis, como o tempo do regime militar, quando seus excelentes professores se retiraram em protesto contra o cerceamento da liberdade; ou a invasão do nosso sagrado campus universitário, cer-

cado por tanques, ocupado por policiais armados, em busca de lideranças estudantis. Ou momentos terríveis, a exemplo de quando desapareceu e foi morto Honestino Guimarães, presidente da federação dos estudantes. Mas ali algumas gerações viveram épocas inesquecíveis e tiveram um preparo excepcional.

Era fabulosa a UnB, ali pelo final dos anos 1960, com seu espaço generoso e gramado, sua arquitetura tão bela e inovadora, ali estavam os prédios harmoniosos, as árvores já grandinhas, sob cujas sombras nos deitávamos, bandos de jovens a descansar do almoço no bandeirão, a conversar sobre todos os assuntos, desde que não fossem futilidades. Tínhamos um amor imenso pela universidade, era nossa casa, nosso reino, passávamos o dia inteiro ali, assistindo às aulas, estudando, inventando projetos, esco-

lhendo livros na biblioteca, lendo, resolvendo problemas na reitoria, especulando sobre como salvar o país ou nos reunindo no auditório Dois Candangos, pois era época de regime militar e a UnB, com sua gênese e ideologia, não combinava em nada com sistemas de opressão ou obscurantismo.

A qualquer instante saltava um estudante sobre a mesa e fazia um comício-relâmpago. Tínhamos um imenso poder de articulação para nos unirmos e lutarmos por nossas idéias. Tínhamos ideologia e esperança. Nenhuma ânsia pelo término do curso, como se houvesse todo o tempo do mundo. Éramos livres e libertários, felizes, abertos e lutadores. A universidade tinha vida, paixão, fervor. Tudo isso está escrito nas suas salas de aula, nos combóios, nos laboratórios, nos bancos, nas folhas e raízes das árvores, tudo ali está impregnado de uma fascinante educação.

